

d'Andrade em 30 d'esse mesmo mez e anno com a sua parenta D. Antonia Joaquina Luiza de Attaide Portugal, filha de seu Primo Luiz José Pinto Coelho, Moço Fidalgo e Coronel de Cavallaria na Capitania de Minas, e de D. Antonia Joanna de Miranda Costa; o qual Luiz José Pinto Coelho era filho de Antonio Caetano Pinto Coelho Souto Maior, Moço Fidalgo e Governador da Capitania de N. Senhora de Itanhaem, e de D. Maria Josepha de Azeredo Coutinho, natural do Rio de Janeiro, onde se casaram; neto de Francisco Pinto Coelho, natural do Concelho de Filgueira, Moço Fidalgo, e de D. Maria de Castro e Silva, filha de D. Pedro Taveira Souto Maior, Fidalgo da Casa Real, e Commandador da Ordem de Christo.

Ignacio d'Andrade Souto Maior Rendon, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commandador da Ordem de Christo, Brigadeiro Reformado, Instituidor do vinculo e morgado do Matto Grosso, morreu em 6 de Julho de 1815, e foi sepultado na sua Capella de Marapicu.

Martim Affonso de Souza

«Tanto em armas illustre em toda a parte
Quanto em conselho sabio, e bem ensinado.»
Cantões; Lira, N. 67.

Martim Affonso de Souza, primeiro donatario da Capitania de S. Vicente, no Brazil, foi o primogenito do Alcaide-Mór de Bragança Lopo de Souza, de muy nobre e alta linhagem (1), e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu uma prova de desinteresse e propensão ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao Castelhana Gonçalo Fernandes de Cordova, ordenou a sahida d'este grande Capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fosse acompanhar por algumas

(1) Vejo Antonio de Souza Macêdo, Flôr de Hespanha, excellencias de Portugal. na Ex. V. c. 77 e a Hist. Geneal. T. 12 pag. 48.

jornadas : á despedida, querendo este fidalgo deixar um penhor do seu reconhecimento, o jovem Martin Affonso preferiu a um precioso collar do muito mais valia que lhe offereceu (2), uma espada que toda a vida estimou e usou.

Passou a mocidade na corte do Duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a Alcaidaria do Bragança, por morte de seu pai, engeitou-o, indo para pagum do Principe D. João; e d'aqui (por certo motivo de pundonor) se ausentou e se foi a Salamanca, d'onde enaamorado de uma nobre Castelhana (com quem veio a casar) p'or nome D. Anna Pimentel, que, como dama, acompanhou a Rainha D. Catharina em 1525, voltou a Lisboa quando já reinava o seu antigo amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Attaide, Conde da Castanheira, e valido do El-Rei (3), e mais que tudo as suas boas e eminentes qualidades (4), motivaram o ser tratado com grande estimação na corte d'El-Rei D. João III, que o fez do seu conselho.

Bem sabido é como até estos tempos as cousas do Oriente tinham attrahido todo o euidado; e a terra por Cabral chamada de Vera-Cruz (5) depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contrahedores do pau-brasil (6), o que já a fizera conhecida por Terra do Brazil. Os Castelhanos aportavam alli indevidamente, e para o mesmo fim os Francezes faziam temiveis piratarías e hostilidades.—Foi então que, havida a noticia

(2) Diogo de Couto, Dec. 3, Liv. 16, cap. 11 e 8,º

(3) El-Rei é o proprio que diz que o Conde tinha euidado de rejuverer a favor de M. Affonso.

(4) « Além do valor de Martin Affonso nas armas e conselho na guerra, e a prazivel conversação e outras boas qualidades, etc. » Barros, D. 4, Liv. 5.º c. M.

(5) Veja a mal curiosa carta de Pero Vaz de Caminha, escripta do Brazil a El-Rei D. Manuel no 1.º de Maio de 1500, impressa na Col. Bras. T. 1.ª e na Col. Ultr. T. 4.ª n. III, e corre traduzida em Francez. O original, escripto em sete folhas de papel ordinario, conserva-se no R. Arch. Gav. s.º M. 2.º n. 8.

(6) « Avehaultur hinc a Lusitanis ligna Brasí alias Verxini et cassias » diz o mappa de Ruysch de 1508.

Ando caubres no seu tempo dizia (X, 140) ser « co'o pan vermelho nola. »

das explorações de Caboto e Diogo Garcia, no Rio da Prata, El-Rei D. João III, resolveu a tomar inteira posse d'este, a colonizar a terra, e a fazer prosperar o seu pondão por aquelles mares, aprestou uma armada de cinco velas (7), levando 400 homens, e nomeou Martin Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na armada de Liebôa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo-Verde; e chegado á altura do Cabo de Santo Agostinho, onde foram aprisionadas tres Naus Francezas, entrou em Pernambuco com a sua esquadra, já de oito navios. D'aqui enviou João do Souza a Portugal em uma das naus apreçadas, dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas, a explorar o rio de Maranhão, e tomar d'elle inteira posse.

Proseguindo ao Sul com as naus restantes, chegou a Bahía de Todos os Santos, a encontrando a caravela « Santa Maria do Cabo », persuadido que lhe era necessaria, a tomou e levou na armada, que já constava outra vez de cinco velas. — Entrou no Rio de Janeiro, fez sahir a gente em terra e construir uma casa forte, com cerca em roda, visto que ainda então não havia uma feitoria, onde hoje existem duas cidades florescentes (8). E mandou quatro homens pelo interior, os quaes voltaram d'ahi a dois mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martin Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem duas bergantins; e refeito de provisões por um anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do Sul. Entrando no porto de Camaná encontrou dentro um Bacharel Portuguez que alli estava degradado desde os principios de 1502, e tambem um tal Francisco de Chaves e mais duzia de Castelhanos. D'aqui enviou a Pero Lobo com 80 homens

(7) Capitães que se perderam no caso de Santa Maria — Ráo S. Miguel, que visitou e fez varias viagens — Galeão S. Vicente — Caravela Brasa e Princesa. estas duas últimas foram para o Maranhão com Diogo Leite.

(8) Rio de Janeiro e Niteróby.

d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira bandeira (9) que se entranhou pelo sertão do Brazil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao Sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria sofreu a armada tal tormenta que, desarvorando-se e desgarrando-se as embarcações, foi naufragar um bergantim perto da Ilha de Santa Catharina, e o Capitão-mór deu á costa com a sua Capitania na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos; porém salvando-se com a maior parte da tripulação. A sua armada ficou do novo reduzida a cinco velas.

Aquí o veio socorrer seu irmão Pero Lopes, e juntando-se um conselho, foi decidido que o Capitão-mór não fôsse, mas manda-se pelo Rio da Prata acima, n'um dia examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez n'esta ocasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome (10), e foi esperar na pequena ilha das Palmas, no Norte do Cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão, que só chegou passados trinta e tantas dias.

D'aquí partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava (11) deu terras, creou officios de justiça em duas villas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado d'onde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares do Portuguezes no novo mundo (12).

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das naus e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a

9. Us-se no Brazil o nome de bandeira a um indetermínado numero de homens, que, providos de armas, munições e mantimentos necessários para sua defesa e subsistencia, entram nas terras possuidas pelos Indios com algum intuito, p. ex., de descobrir minas, recolher o pauz, ou castigar hostilidades. Veja-se a *Carta Brazilica* e o *Diary de Soares*.

10. Vaseuse. Noticias antecedentes das cousas do Brazil, etc. e *Chronica* se assim porque n'elle sahio em terra o Capitão Bartholomaeus.

11. Veja pag. 65 do Diario.

12. Fr. Gaspar. pag. 61 e 62.

Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Empreendeu então uma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532 (13). Pouco depois de voltar a S. Vicente, aporou alli com duas caravelas o João de Souza, trazendo resp. sta d'El-Rei datada de 24 de Setembro do dito anno (14). Nesta carta lhe fazia saber entre outras cousas, que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios d'aquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar a Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que da Cananica mandára pela terra dentro (15).

Chegado a Lisboa foi nomeado Capitão-mór do mar da India — prova de quanto El-Rei se dera por bem servido d'elle n'esta incumbencia (16). Em quanto não partia para o novo destino occupou-se da sua Capitania enviando-lhe canoas, plantas e sementes—incluíndo a canna do assucar; e celebrando contratos (17) para a factura d'este.

Aos 12 de Março de 1534 sahiu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Goa. O Governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da Capitania-mór do mar (18) e lhe deu uma armada de quarenta navios para ir sobre Damão. Esta fortaleza foi entrada e toda destruída.

Achava-se em Chaul (19), quando o celebre e infeliz sultão Badur, arreceiando-se das Mogores, lhe mandou dizer que cedia lugar em Din para levantar uma fortaleza, obra desejada pelos portuguezes, e muito recommendada de

13) Fr. Gaspar, liv. 1.ª p. 112, 113, 114 e 115.

14) Vêja esta carta a pag. 81. Revelou-se fort. em Outubro de 1532— a 6, segundo se vê a pag. 130, m. a 7, segundo Fr. Gaspar, pag. 263.

15) Fr. Gaspar, pag. 85.

16) Gabriel Soares, Bot. Ger. C. 86. 2.ª de parecer contrario; com tudo conta que o mandou por capitão-mór de uma armada para o Brazil em que o serviu bem. D. B. L. X. c. 11.

17) Fr. Gaspar, pag. 65 e 61.

18) Barros 1, 427.

19) Andrade, Chronica de D. João III, parte 2.ª capitulo 3.º.

El-Rei. A fim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande Capitão (20) se vai logo a Din d'onde só dá parte ao Governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á tenneria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em uma pequena fusta, e chegou a Lisboa a salvamento (21).

O Badur ficou por tal modo affeiçãoado a Martin Affonso que o pediu em soccorro, com gente portugueza: e propondo o Governador este pedido em conselho, foi o Capitão-mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Badur deveo ao valor e artilia de guerra d'esto grande chefe o não ser destruido e preso pelos Mogores (22).

Passou d'aquí a desbaratar os Príncipe Malabares na Ilha de Ropelin, que foi saqueada (23); e havendo destruido e assolado todos os logares maritimos do Samorim, recebeu em Cochim noticia de que o Rei de Coa, vassalho do de Portugal, se achava em aperto. Partiu logo para Ceylão, e sendo a sua presença bastante soccorro, approvistou as intenções contra a frota auxiliar (24) do Samorim, que foi destrogada depois de um duro combate.

Guardava de novo a costa do Malabar, quando, saindo (25) do Panane, o seu inimigo Pachi-Marcá (26) o perseguia até Beadala onde alcançou tão grande victoria e tantos despojos (27), que armou por esta occasião muitos cavalleiros. Indo-se a Ceylão chegou a tempo de soccorrer o Rei de Columbo que soubo recompensar este auxilio com generosidade (28). Captivou o puniu muitos piratas; e tinha ido de Cananor para Cochim, quando recebendo aviso de Nuno

(20) « Un des maîtres du monde », diz Antonio de Souza de Macedo.

(21) Couto, 3, 1, 2.^a; Barros, 3, 6, 14; Castanheda, liv. 8.^a cap. 39; Andrade, pag. 3.^a cap. 13 e 14.

(22) Couto, 3, 6, 13; Andrade pag. 3.^a cap. 11; Barros 1, 6, 16.

(23) Couto, 3, 1, 1.

(24) Couto, 3, 1, 6.

(25) Barros, 3, 1, 6.

(26) Assun. sobre Couto, 3, 3, 8.

(27) Andrade, pag. 3.^a cap. 17 e 18; Barros, 1, 8, 13; Couto, 3, 2, 1 e 2. Cons. cap. 1.^a col. 66.

(28) Barros 4, 8, 11; Couto 5, 2, 3.

da Cunha da aproximação dos Turcos, se apressou de ir a Gôa. Na occasião que chegou já lá estava o velho D. Garcia de Noronha nomeado Vice-Rei (29), com grande sentimento do valente e infeliz D. Nuno. Martin Affonso vendo que o novo Vice-Rei não atacava nem desferia o seu pedido de ir em seguimento dos Turcos, pediu para voltar ao Reino o que lhe foi concedido (30).

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e tendo aportado aos Açores, chegou a Lisboa, onde foi tão bem recebido do El-Rei, que antes de saber da morte de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no governo, que demais lhe pertencia pela primeira via de successão; e só depois foi informado da morte do Vice-Rei.

Martin Affonso, nomeado Governador, não se esquecendo da sua capitania, deu varias providencias, e se foi de vela a 7 de Abril de 1541 em uma armada de cinco naas, levando consigo os primeiros jesuitas, que vieram a Portugal e foram a India, incluindo o Mostre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique, largou d'este porto a 15 de Março de 1542 (31); e, tendo recebido visita do Rei de Melinde e feito aguada em Mocotora, fôrrou na barra de Gôa a 6 de Maio.

Tomando posse do governo que tinha D. Estevão da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta fortaleza por mar e terra, a fez arruçar (32), depois de soffrer grande resistencia; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo apossado uma grande armada para ir no pagode do Tremel, encaminhou-se por más informações ao de Tebillacaré, cuja jornada bem cara lhe custou (33).

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o governo em prospero estado (34) ao seu grande

(29) Couto, 3, 3, 6.

(30) Couto, 3, 3, 3.

(31) Lucena, liv. 1.^a, cap. 11.

(32) Couto, 3, 3, 1.^a e 3.^a.

(33) Couto, 3, 9, 72.

(34) Couto, sold. Prat. cap. 5.^a 11, pag. 23 e 24, e Dec. 6, liv. 1.^a, capítulo 11.

successor D. João de Castro, chegado no 1.º de Setembro de 1546; — deixando a armada preparada; pagos quarenta e cinco contos de réis de dividas velluns, a fóra cincoenta mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisboa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas de sua resolução. Correndo boato de que vinham Turcos saquear as costas do Algarve, Martin Affonso, estando em conselho quando isto se tratou offeraceu-se (35) de ir contra elles, no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1562 se achava em Alentejo, d'onde n'esta data expediu uma provisão a fim de concorrer para a fabrica da fortaleza da Bertioga (36).

Subindo D. Sebastião ao throno, e antevendo este prudente conselheiro que a tão joven e incauto Rei não deviam de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem (37); e segundo deduzimos do Soldado Prático (cap. 13) El-Rei veio a estar "pouco contente d'elle no obrar dos seus negocios."

Retirado da corte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrario "favoreceu de navios e gente, que a elle mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fizessem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas (38)."

E do todo afastado dos negocios, se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS., o que foi vista pelo incansavel Conde da Ericeira, na Bib. do Conde de Vimieiro; — o qual o declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres. — Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluido o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este distincto mathematico Portuguez faz menção no seu tratado em 1537 (39).

(36) Orient. Cons. do Taparicaud Souza T.º, l.º n.º 2º.

(37) Fr. Gaspar, pag. 225 e 226.

(38) Couto, 5, 10, 11.

(39) Gal. Soares. Rel. Ger., cap. 6º.

(40) Veja o *Ronald* *Historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, por F. B. G. Stockler, Paris 1819, pag. 30 e 130.

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado (40) no convento de S. Francisco da Cidade, na capella do Jesus, que edificára.

Foi Commendador de Mascarenhas na ordem do Christo, Alcaide-mór do Rio-Maior, e senhor do Prado e tambem de Alcomente, onde instituiu um morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução, e forte nos revezes: e, para nos exprecarmos com Diogo do Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhamo nos gestos, de aspecto agradável e de aprazível conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria, um Jacintho Freire, ou um Côrte-Real—já que o seu manuscripto não vio a luz.—E quão interessante não seria se apparecesse!

Por F. A. DE VARNHAGEN.

(40) veja Fr. Manuel da Esperança, Hist. Seráf. T. 1.º liv. 2.º cap. 22, pag. 245 e um Nobiliário MS. da Bib. Pub. de Lisboa.